

SOCO E CROCODILO

Posted on 26. Februar 2020

A rejeição do resultado da eleição presidencial do ministro de Thuringian pelos políticos de Berlim revela um déficit democrático. O sistema político aparece para muitos como um palco manipulado de marionetes. Quanta autodeterminação parlamentar, discussão e diversidade são desejadas?

Um ponto de vista de Paul Schreyer.

O que está acontecendo atualmente na Turíngia parece estar se tornando uma lição para todo o estado. Como lidar com o partido cada vez mais poderoso de Alexander Gauland, Alice Weidel e Björn Höcke - um político que pode ser chamado de fascista de acordo com uma decisão judicial? Muitos estão convencidos de que o partido deve continuar a ser excluído de forma dura e consistente. Afinal, eles são nazistas, o debate é inútil e até perigoso; em vez disso, devemos nos levantar e combater os inimigos da democracia com todas as nossas forças.

Normalmente é aqui que a discussão termina. Os slogans parecem plausíveis para muitas pessoas, parecem claros e sobretudo justos: nós, os decentes, contra eles, os retrógrados e o mal. Nem um pé de largura dos fascistas! Há mais de nós! Infelizmente, esta suposta luta é, no fim de contas, acima de tudo, uma coisa: a auto-retidão. Porque aqueles que argumentam desta forma, que raramente questionam a sua própria posição, também dificilmente estão motivados a mostrar compreensão para com o outro lado. Afinal de contas, um tem razão: os nazistas são criminosos, maus, assassinos em massa racistas, que no passado só podiam ser detidos por bombas e tanques aliados. Agora eles estão se preparando para voltar - isso deve ser evitado a todo custo!

Mas para além da generalização questionável de que todos os políticos da AfD são nacional-socialistas: como é que a crescente influência do partido pode ser impedida em termos concretos do ponto de vista dos críticos? Queremos lutar não só contra todos os deputados eleitos da AfD, mas também contra todos os cidadãos que deram o seu voto a este partido (na Turíngia o último número foi de 23%)? Se sim, com que objectivo deve isto ser feito? Que os eleitores da AfD renunciem à sua posição sob pressão de outros? Que eles mantenham as bocas fechadas no futuro? Ou desaparecer completamente ("Nazis fora")? Se sim, para onde? Longe da Alemanha? Porque "nós", ou seja, os críticos da AfD, somos "mais" neste país? A pergunta

deve ser permitida: Como se pode acreditar para defender a democracia com tal atitude mental - ou para alcançar qualquer coisa produtiva?

A atitude expressa em tais considerações - raramente são expressas tão diretamente ou mesmo pensadas até o fim - é perigosamente semelhante à atitude dos nazistas convictos: simplesmente nega-se a legitimidade dos outros. Eles não devem existir. Eles não têm o direito de estar aqui, ou se adaptam a nós (os decentes) ou desaparecem. Senão... sim, que mais?

Uma escolha "imperdoável".

O caos na atual formação governamental na Turíngia colocou o debate na agenda com nova acuidade. O pano de fundo é um declínio da CDU na Turíngia que vem ocorrendo há 20 anos. A afluência dos eleitores tem caído vertiginosamente desde 1999, de 51% naquela época para apenas 33% em 2014. Nas últimas eleições estaduais, no último outono, os democratas-cristãos desceram ainda mais a escada, recebendo apenas 22% dos votos. Isto coloca-os actualmente atrás do Partido da Esquerda e da AfD. Uma "grande" coalizão de CDU e SPD não teria maioria, nem a Red-Red-Green. Olhando para os resultados das eleições, torna-se claro que um governo, seja aberto ou encoberto, deve necessariamente ser apoiado por pelo menos dois dos três principais partidos, ou seja, ou pela CDU e pela AfD, ou pela CDU e pela Linke, ou pela Linke e pela AfD. Esse é o resultado alcançado democraticamente, quer se goste ou não.

Em termos de conteúdo político, uma coalizão de AfD, CDU e FDP seria a mais óbvia. Mas a tentativa de Thuringian de introduzir isto pela porta das traseiras falhou agora devido à resistência da política federal. As reações após a eleição de Thomas Kemmerich como Ministro Presidente, em 5 de fevereiro, foram fortes e deram uma visão profunda. Uma vez que ele tinha sido obviamente eleito com os votos dos deputados da AfD, o resultado não era aceitável, disse o tenor. A chanceler Angela Merkel chamou a eleição de "imperdoável". Tinha de ser "invertida". A CDU não deveria participar de um governo assim, disse ela. A coisa toda foi - que frase de engate - "um mau dia para a democracia".

O líder do SPD Norbert Walter-Borjans expressou uma opinião igualmente "democrática": foi dito que "não se deve permitir que tal resultado dure". O FDP e a CDU são chamados a "resolver o problema".

Mas qual é exactamente o "problema"? Aparentemente, na opinião de muitos políticos estabelecidos, os cidadãos da Turíngia votaram "errado" ao criar maiorias que impossibilitavam a "manutenção do status quo". Mas o que se segue agora: Você quer deixar as pessoas votarem repetidamente no futuro, até que o resultado não cause mais problemas para os responsáveis no topo? Torna-se claro: Muitos chegaram a um beco sem saída nas suas negociações com a AfD. É difícil defender a democracia por não aceitar resultados eleitorais democráticos.

A AfD é um "partido antidemocrático"?

A rejeição fundamental de qualquer cooperação com a AfD é geralmente explicada pelo facto de não ser um partido democrático. Mas o que é que isso significa exactamente? O que é um "partido democrático"? Razoavelmente, só pode significar, na verdade, um partido que respeita a vontade democrática dos cidadãos e que, além disso, está orientado para os valores da Lei Fundamental, ou seja, a busca da paz, o livre desenvolvimento da personalidade, a igualdade política de todos os cidadãos, a proteção das minorias, bem como a liberdade de fé e de opinião.

Pode a CDU, para tomar um exemplo, ser considerada um "partido democrático", de acordo com estes critérios? Dúvidas são permitidas. A CDU, ao contrário de todos os outros partidos do Bundestag, rejeita referendos nacionais, respeitando assim menos do que qualquer outro partido a vontade política dos cidadãos. É responsável, juntamente com o SPD e os Verdes, pela participação alemã em guerras no estrangeiro, o que é contrário ao espírito da Constituição e, em parte, ao direito internacional. Acima de tudo, porém, persegue, novamente em conjunto com outros partidos estabelecidos, uma política que, segundo um estudo do Governo Federal (!), tem sido orientada quase exclusivamente para os desejos da classe alta ao longo dos últimos 20 anos. Para a CDU e outros partidos, a vontade da maioria dos cidadãos é menos importante do que os desejos de interesses individuais financeiramente fortes. Isso é democrático?

Em outras palavras, qualquer um que declare a AfD "antidemocrática" e queira evitar dois pesos e duas medidas teria que dar este selo à CDU. Em qualquer caso, o termo "partido democrático" em seu uso atual aparece como uma frase sem sentido que substitui a argumentação. Para ficar com a metáfora do teatro de

bonecos: avisa-se o crocodilo e faz-se figura de parvo.

Mas os avisos contra a AfD vão mais fundo do que isso, porque a rejeição e exclusão intransigente do partido está representada acima de tudo no que diz respeito à história alemã. Por exemplo, o Secretário-Geral do SPD, Lars Klingbeil, advertiu após as eleições estaduais de Thuringian: "Pela primeira vez na história da República Federal, a CDU e o FDP estenderam as mãos aos nazistas". Isto significaria que estes partidos "abandonaram o consenso democrático básico 'Nunca mais'".

Mas esta afirmação é historicamente errada. O primeiro governo do chanceler Konrad Adenauer nos anos 50 incluiu dois ministros do "Partido Alemão" de extrema direita, além da CDU, CSU e FDP. Hans-Christoph Seeböhm, então Ministro dos Transportes, admitiu publicamente curvar-se perante as suásticas porque sob este símbolo "os alemães sacrificaram as suas vidas". De maneira racista, ele declarou diante dos jovens alemães de Sudeten: "Não vemos como a Raiva está avançando do Leste?" O extremista de extrema-direita Seeböhm foi até vice-chanceler da República Federal por pouco tempo. Portanto, a CDU e o FDP certamente conseguiram ganhar experiência no trabalho com radicais de direita no governo, mesmo que isso tenha sido há várias décadas.

Mas independentemente dos factos históricos: A formulação de Klingbeil do "consenso básico que foi abandonado pela primeira vez" encontra uma disposição generalizada entre a população. No Twitter, um cidadão escreveu durante a disputa na Turíngia

"Quando é que esta festa fascista vai ser finalmente banida? Saiam do Bundestag. Quando este cancro se espalha... é tarde demais. A Turíngia ainda pode ser curada."

"Curar o Estado"? Todos os eleitores da AfD estão doentes? Nas últimas eleições parlamentares, houve 6 milhões - 4 milhões no Ocidente e 2 milhões no Leste da Alemanha. Essas pessoas são todas "nazistas" e fazem parte de um "câncer" que precisa ser "removido"? Afirmações semelhantes, varridas, rudes e muitas vezes altamente emotivas, podem ser encontradas em muitos lugares. O medo monótono de que, com a ascensão da AfD, a era do nacional-socialismo regresse, como que por uma maldição maligna, e que os horrores do fascismo, incluindo a perseguição dos judeus e os assassinatos em massa, possam então, de

alguma forma, numa espécie de estranha volta no tempo, se repetir, está em muitas mentes. Björn Höcke e outros estão jogando habilmente no teclado deste medo e fazendo dele capital político.

Por que a CDU vai se abrir para a AfD

Uma coisa é clara: os adversários e apoiantes da AfD estão se agitando em suas insinuações mútuas. Um entendimento factual agora parece dificilmente possível. Mas seria necessário. Há razões suficientes para criticar a AfD e rejeitar uma coligação com ela - mesmo que um estudo da sua actual plataforma eleitoral da Turíngia mostre que as semelhanças com a CDU e o FDP são tão grandes que a rejeição categórica da cooperação é difícil de compreender, pelo menos objectivamente.

Se alguém lê realmente os programas, torna-se claro o quão próximas estão as três partes. Uma das exigências mais radicais da AfD, que o afluxo de migrantes seja parado, é também capaz de ganhar uma maioria em grandes partes da CDU. O discurso final de Björn Höcke na campanha eleitoral da Turíngia, em outubro de 2019, poderia ter sido feito por muitos políticos da CDU ou da CSU, no que diz respeito ao conteúdo e às exigências - se deixarmos de lado as duras críticas aos "velhos partidos" e à mídia.

Na verdade, a CDU provavelmente rejeita uma abertura para a AfD não por razões de conteúdo, mas sim por considerações estratégicas - porque prejudicá-la-ia a longo prazo se os eleitores fossem prometidos à AfD como um possível parceiro da coligação. Apenas enquanto a CDU puder tornar credível que um voto para a AfD é um voto "perdido" porque a AfD não tem oportunidade de participar no governo, os eleitores conservadores indecisos escolherão, em caso de dúvida, a CDU - portanto, o cálculo. No entanto, esta estratégia só funcionará a longo prazo se a popularidade da AfD não continuar a aumentar, mas sim a diminuir. Há muitas indicações de que a CDU perderá esta aposta - e, portanto, mais cedo ou mais tarde, abrir-se-á também para a AfD.

Entretanto, a AfD também está a recrutar votos de outros campos. Na Turíngia, por vezes, a tónica social-democrata é colocada, por exemplo, na rejeição da privatização como uma "aberração" (de acordo com a plataforma eleitoral). Ao mesmo tempo, porém, quer tornar o salário mínimo "supérfluo através de uma boa evolução salarial". De onde isto virá permanece em aberto.

Um olhar mais atento revela que a AfD é essencialmente uma versão renovada da ala conservadora da CDU, complementada por algumas posições populares de outras partes. A sua imagem pública - tanto entre apoiantes como entre adversários - não se enquadra no programa (como eu disse: você deveria tê-lo lido uma vez). A anunciada "mudança de política" dificilmente pode, portanto, ser esperada desta festa.

Pelo contrário: os problemas essenciais da sociedade são completamente deixados de fora da AfD. A crescente desigualdade social causada pela enorme fortuna dos indivíduos e a concentração do poder político nas mãos de algumas corporações e bilionários não são um problema - e nem a CDU e o FDP. Também não aparece no programa a rápida destruição da natureza e, portanto, da base da vida pelo sistema monetário e econômico existente, apenas algum romantismo verde, como se vivesse há 200 anos: "Nós não vemos o homem como um corpo estranho e desordeiro, mas como um projetista prudente". Também se é a favor da protecção dos animais, mas à organização de direitos dos animais PETA deve ser negado o estatuto de organização sem fins lucrativos, uma vez que "não se afasta de acusações criminais injustificadas ou de crimes contra pessoas e seus bens".

Em resumo: A AfD é um partido conservador de direita que pode atracar bem com a CDU e o FDP - e, como eu disse, provavelmente atracará. A sua imagem rebelde é, em grande parte, o marketing para manter os cidadãos insatisfeitos, tanto quanto possível, na metade direita do espectro político - onde as grandes empresas e as pessoas ricas dão o tom.

Intertwining com a elite financeira

O tema da luta de classes é constantemente evitado. Não admira, uma vez que a liderança da AfD está intimamente ligada aos círculos empresariais de elite. É perceptível que este aspecto do partido dificilmente é um problema na mídia, talvez porque tal interdependência afeta a maioria das partes estabelecidas de forma semelhante e é geralmente ignorada - palavra-chave Conferência Bilderberg. As ligações são múltiplas:

Alice Weidel, Co-Fraction Leader da AfD no Bundestag, trabalhou para o banco de investimentos Goldman Sachs antes de sua carreira partidária, bem como no escritório da diretoria da Allianz Global Investors, uma

das maiores gestoras de ativos do mundo. Seu chefe de lá, James Dilworth, um banqueiro de Wall Street de Nova York, também tinha, entre outras coisas, tornado os clientes privados super-ricos ainda mais ricos para a Goldman Sachs por dez anos. A Weidel e a AfD querem agora abolir o imposto sucessório no interesse dos "altos funcionários da nossa sociedade". Que "feito" os herdeiros dos ricos têm feito ainda não está claro.

Beatrix von Storch, porta-voz federal adjunta da AfD, tem estado há muitos anos no centro de uma rede amplamente ramificada de empresários conservadores. Inicialmente ela trabalhou no conselho do chamado "Pacto dos Cidadãos", uma associação apoiada pelo banqueiro conservador de direita e bilionário August von Finck, e onde eles fizeram campanha pela redução dos benefícios sociais em favor da provisão privada, bem como por uma menor influência do Estado em geral. A protecção contra o despedimento deveria ser reduzida e a privatização da prestação de cuidados de velhice e do sistema de saúde deveria ser promovida.

O "Pacto do Cidadão", que existiu de 2003 a 2015, contou com a presença de celebridades tão influentes como o consultor de gestão Roland Berger e o gerente Hans-Olaf Henkel. Esta iniciativa cidadã de milionários foi uma espécie de precursor para a AfD. Henkel, por muitos anos líder do lobby da indústria alemã e até 2013 consultor do Bank of America e seu representante em Berlim, tornou-se o primeiro porta-voz da AfD. Ele concedeu ao partido um empréstimo de 1 milhão de euros a partir de fundos privados em 2014.

Roland Hartwig, atual diretor-gerente parlamentar do grupo parlamentar AfD no Bundestag, já trabalhava há quase vinte anos como advogado chefe do grupo químico Bayer. Hartwig também presidiu a comissão jurídica da Associação Alemã da Indústria Química, uma das mais poderosas associações de lobbying da Alemanha. Ele atualmente faz parte do Comitê de Relações Exteriores do Bundestag, em nome da AfD.

Georg Pazderski, que tem sido o líder do grupo parlamentar AfD na Câmara dos Deputados de Berlim desde 2016, já serviu como coronel na Bundeswehr e esteve estacionado numa base militar na Flórida de 2005 a 2010, onde aconselhou generais americanos sobre a "guerra ao terror" como chefe de um grupo internacional de planeamento. Nessa altura, Pazderski trabalhou directamente para o General David

Petraeus, que pouco depois se tornou chefe da CIA e é agora sócio de um dos maiores investidores financeiros do mundo (KKR). O Coronel Pazderski reformou-se pouco depois e em 2013 assumiu a gestão da recém-fundada AfD, que dirigiu como General Staff durante dois anos. Em uma entrevista, ele confessou abertamente que ainda tinha a mesma visão política do mundo como durante a Guerra Fria. Questionado sobre política social, ele declarou que considerava as sanções Hartz IV a coisa certa a fazer, tendo em vista as pessoas "que se sentiram confortáveis na rede social".

Líderes do partido como Alice Weidel, Beatrix von Storch, Roland Hartwig ou Georg Pazderski certamente representam uma grande variedade de grupos e interesses influentes, mas dificilmente "o homenzinho". Além disso, muitos doadores se mantêm em segundo plano. Em 2016 e 2017, o partido recebeu apoio eleitoral no valor de milhões através de várias grandes campanhas publicitárias em jornais e cartazes, lançadas através de uma duvidosa "Associação para a Preservação do Estado de Direito e das Liberdades Cívicas", cujos financiadores permaneceram no escuro. A associação Lobbycontrol escreveu em uma análise que estes foram "provavelmente os maiores fluxos de dinheiro não transparente nos últimos anos em favor de um único partido".

A AfD, semelhante ao Partido Popular Nacional Alemão na década de 1920 ou à "Convenção dos Cidadãos" de 2003 a 2015, é uma "oposição de cima", controlada no sentido de gestores e milionários. A Fundação Konrad Adenauer, próxima à CDU, escreveu pouco depois da fundação da AfD: "Aparência, programa e comunicação são mais como uma campanha de marketing do que um movimento político. Os temas do Islão e dos migrantes devem trazer votos e ampla aceitação a nível das bases, mas a agenda por trás deles é diferente.

No entanto, a crescente popularidade dos políticos conservadores de direita não se deve apenas ao bom marketing. Baseia-se sobretudo no carácter actual da política "liberal", cujos êxitos nos últimos anos consistiram principalmente em acordos de comércio livre, privatizações, salvamentos de bancos, cortes sociais e guerras. Mesmo nos círculos de elite conservadores (ver o relatório recentemente publicado da Conferência de Segurança de Munique) é agora abertamente admitido que "este tipo de globalização" "beneficia as elites", mas que muitos da classe média "acreditam justificadamente" que o sistema é

"manipulado". No topo da sociedade há uma falta de "auto-reflexão necessária".

Poderia ser acrescentado: é na natureza das coisas que políticas egoístas e destrutivas que beneficiam uma elite minúscula não podem produzir maiorias democráticas duradouras.

A AfD e outros conservadores de direita em todo o mundo têm vindo a montar uma onda anti-liberal com sucesso há vários anos, mas ao mesmo tempo não querem mudar nada de fundamental sobre a injusta e destrutiva ordem económica "liberal", mas apenas querem transferir o seu controlo de volta para o nível nacional. Esta contradição também é raramente mencionada.

O que fazer?

Se um partido emerge de uma eleição democrática como a força mais forte ou a segunda força mais forte, é absurdo e contraproducente fechar os olhos, negar essa força e querer mantê-la afastada do governo com todas as suas forças. Não se pode dizer aos cidadãos em que se deve votar.

Se o sucesso da AfD é motivo de preocupação - e há boas razões para isso, como já disse - então deve-se considerar seriamente as razões que levam as pessoas a votar e as razões pelas quais os outros partidos estão a cair. A dúvida, a autocrítica e o debate objetivo são mais promissores para o desenvolvimento construtivo e não violento do que a santa raiva ou o apelo à proibição.

No entanto, as partes estabelecidas se esquivam a isso, especialmente aquelas do espectro consideradas de esquerda. Exclusão e ultraje são aparentemente mais confortáveis. As pessoas não querem repensar fundamentalmente ou mesmo mudar as suas próprias políticas. Não é, portanto, surpreendente que muitas pessoas já não tenham a confiança necessária para convencer cidadãos renegados de forma objectiva. Como se pode fazer isso mesmo com maus argumentos?

É precisamente esta recusa de se envolver num debate substantivo que constitui o principal perigo para um sistema político pluralista. Quem acredita que não pode mais convencer seu oponente - e o público - com suas políticas e argumentos de qualquer maneira, abandonou a idéia de democracia.

Este foi um artigo da revista Multipolar.

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar.

+++

referência da foto: [photocosmos1](#) / shutterstock

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião da equipa editorial.


+++

Gostas do nosso programa? Informações sobre possibilidades de suporte aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora você também pode nos apoiar com Bitcoins.

 BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK